



O REINO DE FERRO

LIVRO 3

AUTORA SENSÇÃO DA FANTASIA YA
HOLLY BLACK

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso de drogas

Abuso e negligência

Crueldade

Morte

Sangue e cenas gráficas

Tortura

Violência

*Para os meus pais, Rick e Judy,
por não terem enfiado um ferro em brasa pela
minha garganta nem terem tentado devolver-me às fadas.*



*Entre o musgo do descampado,
Plantaram espinheiros
Aqui e acolá por prazer.
Se algum homem ousado
os desenterrasse por despeito,
Encontraria o espinho mais afiado
à noite, no seu leito.*

— WILLIAM ALLINGHAM, *THE FAIRIES*

A pesar de ter sido banido para aquele sítio, apesar das feridas recentes na pele e do sangue sob as unhas, Roiben ainda amava a Senhora Silarial. Apesar dos olhos vorazes da Corte Unseelie e das tarefas macabras que a Rainha Nicnevin lhe enviava. Apesar das inúmeras formas pelas quais tinha sido humilhado, e das coisas nas quais não se permitia pensar enquanto se mantinha, severo, atrás do trono.



Se se concentrasse bem, conseguiria lembrar-se da chama no cabelo cor de cobre da *sua* Rainha, os indecifráveis olhos verdes, o enigmático sorriso que lhe lançara ao proferir o seu destino apenas três meses antes. Designá-lo a deixar a Corte da Luz e ser um servo entre os Unseelie era uma honra, disse a si mesmo mais uma vez. Por si só, ele amava-a o suficiente para permanecer leal. Ela confiava mais nele do que nos restantes súbditos. Apenas o seu amor era verdadeiro o suficiente para resistir.

E ainda a amava, recordou a si mesmo.

— Roiben — chamou a Rainha Unseelie. Estivera a jantar sobre as costas de um duende do bosque, cujo cabelo verde era comprido o suficiente para fazer de toalha de mesa. Agora, erguia o olhar para Roiben com uma espécie de sorriso perigoso.

— Sim, minha Senhora? — respondeu ele, de modo automático, o tom neutro. Tentou esconder o quanto a odiava, mas não porque aquilo a desagradaria. Pelo contrário, acreditava que a agradaria muito.

— A mesa treme demasiado. Temo que o meu vinho seja derramado.

A oca colina estava quase vazia; os poucos cortesãos que tinham ficado para se divertir sob as grinaldas de raízes emaranhadas faziam-no muito discretamente enquanto a Rainha ceava. Apenas os seus servos continuavam por perto, sinistros como fantasmas. O camareiro pigarreou.

Roiben encarou a Rainha, em silêncio.

— Conserta-a — ordenou ela.

Sem entender o que ela queria que fizesse, Roiben deu um passo em frente. O rosto enrugado do duende ergueu-se para ele, pálido de terror. Roiben tentou sorrir de forma reconfortante, porém o gesto pareceu apenas fazer com que o pequeno

homem tremesse ainda mais. Perguntou-se se amarrá-lo o deixaria mais estável, mas depressa aquela ideia o deixou enojado.

— Decepa-lhe os pés para que fiquem ao mesmo nível das mãos — soou uma voz, e Roiben olhou para cima. Outro cavaleiro, de cabelo tão escuro quanto o seu casaco, dirigia-se ao trono de Nicnevin. Um diadema opaco descansava na sua testa. Ele abriu um sorriso largo. Roiben vira-o apenas uma vez, era o cavaleiro que a Corte Unseelie tinha enviado para a Corte Seelie como um símbolo de paz: exatamente como Roiben, em termos de servidão, muito embora ele pudesse apenas supor que a condição do cavaleiro fosse mais fácil do que a dele próprio. Ao vê-lo, o coração de Roiben deu um salto com uma esperança irracional. Teria a troca terminado? Seria possível que, finalmente, o fossem mandar para casa?

— Nephamael — começou a Rainha —, a Silarial cansou-se de ti assim tão depressa?

Ele resfolegou.

— Ela enviou-me como mensageiro, mas o recado é de pouca importância. Prefiro acreditar que ela não gosta de mim, mas a minha Senhora parece bastante satisfeita com a sua troca.

— Não suportaria afastar-me do meu novo cavaleiro — disse Nicnevin e, em resposta, Roiben fez uma vénia com a cabeça. — Farás o que Nephamael sugere?

Roiben respirou fundo, enquanto lutava para transparecer uma calma que não sentia. Sempre que abria a boca, receava explodir e dizer o que realmente pensava.

— Não estou certo em relação à eficácia desse plano. Permita-me tomar o lugar do duende. Não irei derramar o seu vinho, Senhora.

O sorriso da Rainha abriu-se com deleite. Dirigiu-se a Nephamael:

— Ele pede de forma encantadora, não pede?

Nephamael assentiu, apesar de se mostrar menos divertido. Os olhos amarelos pareciam estudar Roiben pela primeira vez.

— E sem apreço pela própria dignidade. Decerto que deves achar isso revigorante.

Ela riu-se ao ouvir aquelas palavras, um riso que parecia estrangulado e tão frio quanto o estalar de gelo sobre um lago profundo. Algures na ampla e sombria caverna, uma harpa começou a tocar. Roiben estremeceu ao pensar com o que poderia ter sido encordoada.

— Sê a minha mesa, então, Roiben. Trata de não tremer. O duende vai pagar por qualquer falha da tua parte.

Roiben tomou, com facilidade, o lugar da pequena fada, sem ter considerado a humilhação de ficar de gatas, a cabeça baixa, e permitir que as travessas de prata e os pratos quentes fossem cuidadosamente pousados nas suas costas. Não hesitou. Permaneceu imóvel, mesmo quando Nephamael se sentou no chão, perto do trono, e pousou outro cálice na curva da sua coluna. Colocou a mão no rabo de Roiben, que por sua vez mordeu o lábio para evitar estremeecer com a surpresa. O cheiro a ferro era insuportável. Perguntou-se como é que Nicnevin conseguia suportá-lo.

— Fiquei aborrecido — disse Nephamael. — Apesar de a Corte Seelie ser certamente encantadora.

— E não há nada com que te possas divertir por lá? Acho difícil de acreditar.

— Existem algumas coisas... — Roiben imaginou um sorriso a acompanhar aquelas palavras. A mão deslizou-lhe pela curva das costas. Ele enrijeceu antes de se conseguir conter, ouvindo os cálices tilintar com o movimento. — Porém o meu prazer está em encontrar a fraqueza.



Nicnevin nem sequer repreendeu Roiben. No entanto, ele duvidou de que o ato se devesse a qualquer generosidade por parte da Rainha.

— Por alguma razão... — começou ela —, pergunto-me se estarás realmente a falar comigo.

— Estou a falar consigo — argumentou Nephamael —, mas não falo de vós. Não me cabe a mim conhecer as vossas fraquezas.

— Uma resposta eloquente e graciosa.

— Mas tome o exemplo do seu cavaleiro. Roiben. Conheço a sua vulnerabilidade.

— Conheces? Acharia isso bastante óbvio. O seu amor pelas fadas solitárias deixa-o de joelhos, como podes ver.

Roiben obrigou-se a ficar imóvel. Que a Rainha da Imundície se referisse a ele como se fosse um animal não o surpreendia, porém apercebeu-se de que tinha mais medo daquilo que Nephamael seria capaz de dizer. Havia algo voraz na forma como o cavaleiro falava, uma fome que Roiben não tinha a certeza de como poderia ser saciada.

— O Roiben ama a Silarial, declarou-se a ela. E a missão que a Rainha lhe deu foi esta... ser seu servo em troca da paz.

A Rainha da Corte Unseelie nada disse. Ele sentiu um cálice ser erguido das suas costas e, depois, a ser pousado outra vez.

— É deliciosamente cruel, na verdade. Aqui está ele, a ser leal e corajoso por uma mulher que o usa de forma tão vil. Ela nunca o amou. Até já o esqueceu.

— Não é verdade — disse Roiben, voltando-se e, com o movimento, as travessas de prata caíram à sua volta. Levantou-se de um salto, sem se importar com os cortesãos estupefactos, com o vinho derramado e com o grito assustado do duende. Não se preocupou com mais nada naquele momento a não ser

ferir Nephamael, que lhe tinha roubado o lugar — o seu lar — e ousava vangloriar-se do feito.

— Para! — gritou Nicnevin. — Eu ordeno-te, Roiben, pelo poder da tua promessa, que pares de te mexer.

Contra a própria vontade, ele congelou como se fosse um manequim, a respiração ofegante. Nephamael esquivara-se, porém o meio sorriso que Roiben esperava ver no seu rosto não surgiu.

— Mata o duende — ordenou a Rainha Unseelie. — Tu, meu cavaleiro, beberás do seu sangue como se de vinho se tratasse, e, desta vez, sem derramar uma gota.

Roiben tentou abrir a boca para a impedir, mas o comando proibia até mesmo aquele movimento. Fora estúpido... Nephamael provocara-o precisamente à espera daquele tipo de erro. Até mesmo a anterior falta de reação da Rainha devia ter sido planeada. Agora, fizera papel de idiota, o que custara a vida de uma criatura inocente. A amargura corroía-lhe as entranhas.

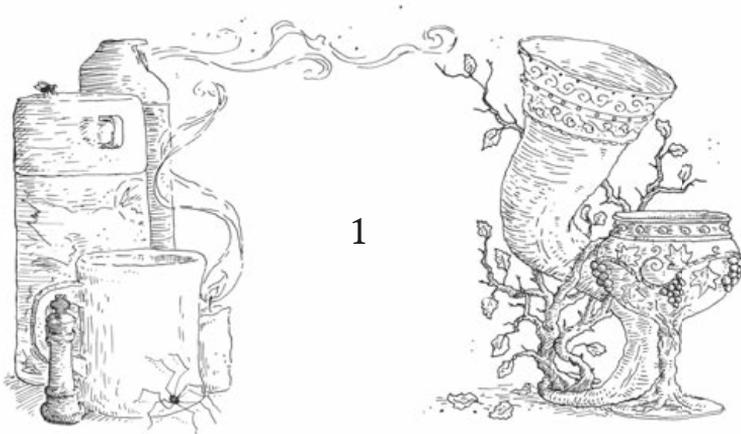
Nunca mais, disse a si mesmo. Não importava o que dissessem ou planeassem ou o obrigassem a fazer, ele não reagiria. Roiben tornar-se-ia tão indiferente quanto uma pedra.

Os servos sombrios foram rápidos e eficientes. Em poucos instantes, tinham preparado um cálice morno e ergueram-no até aos seus lábios imóveis. O corpo do duende já tinha sido retirado, os olhos arregalados encaravam Roiben além da morte, amaldiçoando-o pela sua vaidade.

Não conseguiu evitar abrir a boca e engolir o líquido morno e salgado. Um instante depois, engasgou-se e vomitou no altar.

O sabor daquele sangue permaneceu com Roiben durante os seus longos anos de servidão. Até mesmo quando uma pixie o libertou acidentalmente, até mesmo quando conquistara a coroa Unseelie. No entanto, ele já não conseguia lembrar-se de quem era o sangue, apenas se tinha habituado ao sabor.





Prefiro o inverno e o outono, quando sentes a estrutura óssea na paisagem — a sua solidão —, a sensação de morte do inverno. Algo espera por detrás disso — a história completa não é revelada.

— ANDREW WYETH

As raparigas humanas choram quando se sentem tristes e riem-se quando estão felizes. Têm apenas um formato fixo, em vez de se transformarem por capricho, como fumo soprado pelo vento. Têm os próprios pais, que amam. Não andam por aí a roubar as mães de outras raparigas. Pelo menos, era assim que Kaye acreditava que as raparigas humanas seriam. Na verdade, não sabia dizer. Afinal, não era humana.

Ao enfiar o dedo num dos buracos do lado esquerdo das meias de rede, Kaye tocou ao de leve na pele verde enquanto se estudava ao espelho.

— O teu rato também quer ir — disse Lutie-loo.

Kaye voltou-se para o aquário com tampa, onde uma fada do tamanho de uma boneca tinha pressionado os dedos pálidos e finos contra o lado de fora do vidro. Lá dentro, o rato castanho de Kaye, Armageddon, farejava o ar. Isaac estava encolhido como uma bola num dos cantos.

— Ele gosta de coroações.

— Consegues mesmo entender o que ele está a dizer? — perguntou Kaye, vestindo uma saia verde-azeitona pela cabeça e ajeitando-a nas ancas.

— É só um rato — respondeu Lutie, virando-se na direção de Kaye. Uma das suas asas de traça salpicou um dos lados do aquário com um pó pálido. — Toda a gente sabe falar ratês.

— Bem, eu não sei. Pareço muito monocromática assim vestida?

Lutie anuiu.

— Eu gosto.

Kaye ouviu a voz da avó, que a chamava do andar de baixo.

— Onde estás? Fiz-te uma sandes!

— Desço já! — gritou Kaye em resposta.

Lutie beijou a lateral do vidro do aquário.

— Bem, o rato pode vir ou não?

— Acho que sim. Pode ser. Quer dizer, se o conseguires impedir de fugir. — Kaye calçou uma bota preta de salto grosso e coxeou pelo quarto à procura do par. O antigo estrado da cama estava em pedaços no sótão, as velhas bonecas estavam vestidas em trajes punk-rock e, acima do novo colchão deixado no chão, Kaye pintara um mural onde ficaria a cabeceira. Estava semiacabado: uma árvore com raízes profundas e intrincadas, com um tronco dourado. Ao contrário do que acreditava que aconteceria, aquela decoração não era suficiente para que sentisse o quarto como seu.



Quando viu o mural, Roiben comentara que ela podia ter usado glamour para dar ao quarto a aparência que quisesse, mas um verniz mágico, independentemente do quão encantador fosse, ainda não lhe parecia real. Ou talvez parecesse demasiado real, um lembrete demasiado forte da razão pela qual ela não pertencia àquele quarto, afinal.

Depois de calçar a outra bota, vestiu o casaco. Com exceção do cabelo verde, deixou que a magia lhe deslizasse pela pele, colorindo-a e preenchendo-a. Sentiu um ligeiro formigueiro quando o glamour trouxe de volta o seu conhecido rosto humano.

Olhou-se ao espelho mais um segundo antes de colocar Armageddon no bolso, dar uma coçadela atrás das orelhas de Isaac e encaminhar-se para a porta. Lutie seguiu-a, voando com as asas de traça e mantendo-se fora de vista, enquanto Kaye corria escadas abaixo.

— Era a tua mãe ao telefone há pouco? — perguntou a avó de Kaye. — Ouvi-o tocar. — Estava ao balcão da cozinha, a despejar gordura quente numa lata. Havia duas sandes com manteiga de amendoim e bacon sobre pratos lascados. Kaye conseguia ver a carne tostada e encrespada a surgir do pão branco.



Kaye mordeu a sua sandes, feliz pela manteiga de amendoim que lhe fechava a boca como se fosse cola.

— Deixei-lhe uma mensagem sobre o Natal, mas será que ela se deu ao trabalho de ligar de volta? Ah, não, está demasiado ocupada para conversar. Vais ter de lhe perguntar amanhã à noite. Não entendo o que a impede de vir cá para te ver, em vez de insistir que a vás visitar àquele apartamento imundo na cidade. Teres decidido ficar aqui comigo, e não andares atrás dela como se fosses a sua sombra, deve tê-la mesmo irritado.

Enquanto ouvia as reclamações da avó, Kaye mastigava e assentia. No espelho ao lado da porta das traseiras, conseguia

ver, escondida pelo glamour, a rapariga de pele verde-folha, olhos negros sem um pingo de branco e asas tão finas quanto película. Um monstro parado ao lado de uma velhinha querida, a comer a comida destinada a outra criança. Uma criança roubada por fadas.

Parasitas de ninho. Era como se chamavam os cucos que colocavam os ovos nos ninhos de outros pássaros. Também as abelhas parasitas, que desovam em colmeias estranhas; Kaye tinha lido sobre eles numa das enciclopédias bolorentas no patamar das escadas. Parasitas de ninho não se preocupavam em criar os próprios filhos, abandonavam-nos aos cuidados de outros... pássaros que tentavam não reparar quando as crias cresciam e se tornavam enormes e famintas, abelhas que ignoravam o facto de a progenitora não colher pólen, mães e avós que não conheciam a expressão «criança trocada».

— Tenho de ir — anunciou Kaye, de repente.

— Pensaste melhor sobre a escola?

— Avó, fiz o exame de equivalência — respondeu Kaye.
— Tu viste, eu consegui. Está feito.

A avó suspirou e olhou para o frigorífico, onde a carta continuava segura por um íman.

— Tens sempre a opção de fazer um curso técnico. Imagina só... começares a faculdade ainda antes de a tua turma acabar o secundário.

— Vou ver se o Corny já chegou. — Kaye dirigiu-se à porta.
— Obrigada pela sandes.

A avó abanou a cabeça.

— Está muito frio lá fora. Fica na varanda. Ele devia saber que não se pede a uma jovem rapariga que espere na neve. Meu Deus, aquele rapaz não tem educação.

Kaye sentiu a lufada de ar quando Lutie passou por ela a voar. A avó nem sequer ergueu o olhar.



— Está bem, ‘vó. Adeus, ‘vó.

— Não tires o casaco.

Kaye assentiu e usou a manga do casaco para rodar a maçaneta a fim de evitar tocar no ferro. Até o cheiro do metal lhe queimava o nariz sempre que se aproximava. Depois de atravessar o alpendre, usou o mesmo truque na porta de rede e saiu para a neve. No relvado, as árvores estavam carregadas de gelo. O granizo daquela manhã agarrara-se a tudo o que tocara, congelando em sólidas camadas cintilantes que cobriam ramos e faiscavam contra o enevoadado céu cinzento. A mais leve brisa fria fazia com que os ramos tilintassem.

Corny não ia aparecer, mas a avó não precisava de saber. Não era mentira, afinal, porque as fadas não conseguiam mentir... apenas distorciam a verdade até que esta se quebrava por si só.

Acima da entrada, uma coroa de espinhos forrada a verde marcava a casa como estando a ser vigiada pela Corte Unseelie. Fora um presente de Roiben. Sempre que Kaye olhava para os ramos, rezava para que ser protegida pela Corte Unseelie também significassem ser protegida *da* Corte Unseelie.

Afastou-se, passando por uma casa com placas de alumínio soltas nas laterais. A mulher que ali morava criava patos italianos que comiam todas as sementes de relva que a vizinhança plantava. Kaye pensou nos patos e sorriu. Um caixote de lixo rebolou pela rua, indo bater nas grades de plástico com garrafas de cerveja para reciclar. Atravessou o estacionamento de um bar fechado com tábuas, onde havia um sofá perto do passeio com almofadas enrijecidas devido à geada.

Pais Natal de plástico brilhavam em relvados ao lado de renas feitas de ramos secos, enfeitadas com luzes de fibra ótica. Uma loja de conveniência que ficava aberta 24 horas tocava músicas natalinas estridentes, que se espalhavam

pelas ruas silenciosas. Um elfo robô com bochechas coradas acenava incessantemente ao lado de vários bonecos de neve que tremiam como fantasmas. Kaye passou por uma manjedoura sem o menino Jesus. Perguntou-se se teria sido roubado por crianças ou se a família simplesmente o guardava durante a noite.

A meio caminho do cemitério, parou num telefone público, perto de uma pizzaria, colocou algumas moedas e pressionou o número de telemóvel de Corny. Ele atendeu ao primeiro toque.

— Ei — disse Kaye —, já decidiste alguma coisa sobre a coroação? Vou agora ter com o Roiben antes de começar.

— Acho que não vou poder ir — respondeu Corny —, mas fico feliz que tenhas ligado. Tenho de te contar uma coisa. Estava a conduzir por um daqueles armazéns, sabes, do tipo que tem aquelas publicidades com frases motivacionais, como «Apoie as Nossas Tropas» ou «O que Falta na Igreja? Faltas Tu».

— Okay — encorajou Kaye, curiosa.

— Bem, um deles dizia, «A Vida É Como Lamber Mel de um Espinho». Que merda é esta?

— Que estranho.

— É mesmo estranho. O que achas que quer dizer?

— Nada. Só não fiques a remoer nisso — disse Kaye.

— Ah, claro. Esse sou mesmo eu, sou ótimo a não remoer. É a minha habilidade especial. Se fizesse um daqueles testes psicotécnicos para ver qual seria o emprego para o qual tenho aptidão, tiraria um dez perfeito em «não remoer em merdas». E para que emprego é que achas que isso me qualificaria precisamente?

— Gerente de armazém — respondeu Kaye. — Serias o responsável por inventar essas frases.

— Auch! Mesmo entre as pernas.

Ela conseguia ouvir o riso na voz de Corny.



— Então, não vens mesmo esta noite? Parecias ter tanta certeza de que era uma boa ideia encarares os teus medos e assim.

Houve um longo silêncio no outro lado da linha. Quando ela estava prestes a dizer algo, Corny respondeu:

— O problema de encarar os meus *medos* é que eles são os meus medos. Sem mencionar que um medo de fanáticos megalomaníacos e amorais é difícil de racionalizar. — Ele riu-se, uma gargalhada estranha e hesitante. — Por uma vez, gostava que, finalmente, revelassem os segredos deles... que me contassem como posso de facto proteger-me. Como posso ficar seguro.

Kaye pensou em Nephamael, o último Rei da Corte Unseelie, engasgado com ferro, e Corny a apunhalá-lo repetidas vezes.

— Não acho que seja assim tão simples — admitiu ela. — Quer dizer, é quase impossível protegeres-te de pessoas, imagina de fadas.

— Sim, acho que sim. Vejo-te amanhã — disse Corny, e desligou a chamada.

— Okay. — Ela ouviu desligar o telemóvel.

Kaye seguiu caminho, aconchegando mais o casaco ao corpo. Entrou no cemitério e começou a subir a colina, coberta de neve e lama, e marcada pelos trenós que deslizaram por ela. O seu olhar desviou-se para o túmulo onde sabia que Janet estava enterrada, embora, de onde se encontrava, as lápides de granito polido parecessem todas iguais, com grinaldas de plástico e laços vermelhos húmidos. Não precisava de ver a sepultura para que os seus passos se tornassem mais lentos devido ao peso das recordações, como a roupa molhada devia ter pesado no corpo afogado de Janet.

Imaginou o que acontecia quando o bebé cuco se apercebia de que não era igual aos irmãos e às irmãs. Talvez se perguntasse de onde teria vindo ou quem era. Talvez apenas fingisse não haver nada de errado e continuasse a engolir minhocas.



No entanto, independentemente do que o pássaro sentisse, nada era suficiente para o impedir de atirar as outras crias para fora do ninho.



Cornelius Stone segurou o telemóvel contra o peito e deixou-se ficar assim por um momento, à espera de que o arrependimento diminuísse. Queria ir à coroação, queria dançar com as belas e terríveis criaturas da Corte Unseelie, queria fartar-se de fruta de fada e acordar numa colina, flagelado e satisfeito. Mordeu o interior da bochecha até sentir o sabor do sangue, porém a dor só fez o desejo aumentar.

Sentou-se no corredor da biblioteca, em cima de uma tapete tão nova que exalava um cheiro químico de limpeza, provavelmente da evaporação com formaldeído. Ao abrir o primeiro dos livros, estudou as xilogravuras e os desenhos da viragem do século. Analisou as ilustrações de pôneis com barbatanas, que não se pareciam em nada com o kelpie que matara a irmã. Folheou o livro até se deparar com a figura de um grupo de minúsculas fadas angelicais, de bochechas rosadas e orelhas pontiagudas, a dançar em círculo. *Pixies*, leu. Nenhuma delas se parecia minimamente com Kaye.

Com cuidado, arrancou cada página da encadernação. Eram um disparate.

O livro seguinte não foi melhor.

Quando começou a rasgar o terceiro, um homem idoso voltou o olhar para o corredor.

— Não devias fazer isso — disse ele, segurando um exemplar grosso numa das mãos e semicerrando os olhos para Corny como se, mesmo de óculos, não o conseguisse ver com nitidez.

— Trabalho aqui — mentiu Corny.



O homem estudou o casaco à motard gasto e o cabelo desgrenhado, quase num mullet.

— O teu trabalho é rasgar livros que estão em perfeitas condições?

Corny encolheu os ombros.

— Segurança nacional.

O indivíduo afastou-se a resmungar. Corny enfiou o resto dos livros na mochila e saiu pela porta. Desinformação era pior do que informação nenhuma. Alarmes tocaram atrás de si, mas ele não se importou. Visitara outras bibliotecas. Os alarmes não faziam nada, a não ser uma bela algazarra, como um sino de igreja do futuro.

Seguiu para a colina da coroação. Não, não estava a caminho de ir festejar com Kaye e o seu namorado príncipe das trevas, porém aquilo não significava que tivesse de ficar em casa. Nenhum daqueles livros ajudaria com o que planeava, mas ele já estava à espera disso. Se queria respostas, tinha de ir diretamente à fonte.



Os servos não gostavam de permitir a entrada de Kaye no Palácio das Térmitas. Ela percebia-o pela forma como a encravavam, como se ela não fosse mais do que o pó debaixo dos próprios sapatos, a sujidade sob as unhas, o mau cheiro a café e cigarro que se agarrava à roupa. Conversavam com relutância, os olhos nunca encontrando os dela, e guiavam-na pelos corredores como se os pés fossem feitos de chumbo.

Aquele era o sítio onde deveria sentir-se acolhida, porém, em vez disso, a sombria e fabulosa corte, os salões frios e os seus ferozes habitantes deixavam-na inquieta. Era tudo muito encantador, mas sentia-se constrangida e incomodada naquele

cenário. E se o seu lugar não era ali e também não era com Ellen, então não conseguia pensar noutra sítio aonde pertencer.

Há quase dois meses que Roiben assumira o título de Rei Unseelie, mas uma coroação formal só podia acontecer no solstício de inverno. Depois daquela noite, ele seria o verdadeiro Senhor da Corte da Noite, e com o título viria o retomar da guerra sem fim contra as fadas Seelie. Duas noites antes, acordara Kaye ao subir a uma árvore e bater no vidro da janela do seu quarto, levando-a para se sentarem na relva gelada.

— Depois da minha coroação, fica no Reino de Ferro por algum tempo — pedira Roiben. — Para não seres arrastada para mais perigo.

Quando Kaye tentara perguntar-lhe sobre a duração ou a gravidade da situação, Roiben silenciara-a com um beijo. Ele parecera inquieto, mas não dissera o motivo. Qualquer que fosse a razão, a agitação dele tinha sido contagiosa.

Kaye seguiu os passos arrastados de um servo corcunda até às portas dos aposentos de Roiben.

— Ele estará convosco em breve — disse o servo, enquanto abria a pesada porta e entrava na divisão. Acendeu grossas velas junto ao chão antes de se retirar, silencioso. Uma cauda com um tufo arrastava-se atrás dele.

Os aposentos de Roiben eram, na sua maioria, desprovidos de mobília; as paredes, uma extensão de pedra lisa entrecortada por prateleiras de livros e por uma cama coberta com uma colcha de brocado. Havia mais algumas coisas no interior: uma jarra e uma bacia de jade para se lavar, um roupeiro e um suporte com a sua armadura. A divisão era formal, severa e ameaçadora.

Kaye deixou o casaco cair aos pés da cama e sentou-se ao lado. Tentou imaginar como seria viver ali, com ele, e não conseguiu. A ideia de colar um póster na parede parecia-lhe absurda.



Esticou o braço, retirando uma pulseira de um dos bolsos do casaco, e segurou-a na mão. Uma mecha do seu próprio cabelo verde, entrançada num fio de prata. Esperava surpreender Roiben antes do início da cerimónia, esperava que mesmo sem se conseguirem encontrar por algum tempo, ele a mantivesse junto a si, como os cavaleiros dos contos de fadas faziam com os presentes das suas damas quando marchavam para a batalha. Lutie e Armageddon até tinham seguido à sua frente, para o salão, de modo que pudessem ter um momento a sós para lhe entregar o presente.

No entanto, na grandiosidade daquele quarto, o presente parecia feio e rústico. Em nada digno de um Rei.

Um barulho como o trote de cascos ecoou pelo corredor, e Kaye levantou-se, enfiando a pulseira de volta no bolso do casaco, mas era apenas outro servo carrancudo, daquela vez para trazer um cálice de vinho temperado, tão denso e vermelho quanto sangue.

Kaye aceitou a taça e bebericou educadamente, para depois a pousar no chão quando o servo saiu. Folheou alguns livros à luz bruxuleante das velas — estratégia militar, *As baladas de Peasepod* e o romance de Emma Bull que ela lhe emprestara — e esperou mais um pouco. Dando outro gole no vinho, deitou-se aos pés da cama e enrolou-se na colcha de brocado.

Acordou de repente, ao sentir um toque no braço e o rosto impassível de Roiben sobre ela. Fios de cabelo prateado roçavam-lhe na bochecha.

Envergonhada, sentou-se enquanto limpava a boca com as costas da mão. Tivera um sono agitado e o cobertor estava meio caído no chão, embebido em vinho derramado e cera de vela derretida. Kaye nem se lembrava de ter fechado os olhos.

Um servo vestido num traje vermelho e que transportava um manto comprido, fechado por opalas negras, estava de pé



no meio do quarto. O camareiro de Roiben, Ruddles, estagnado à porta, exibia a boca tão cheia de dentes que o fazia dono de um permanente sorriso desagradável.

Roiben franziu o sobrolho.

— Ninguém me disse que estavas aqui.

Kaye não tinha a certeza se aquilo significava se ele queria que alguém o tivesse avisado ou se teria preferido que ela nem ali estivesse. Pendurou o casaco num dos braços e levantou-se, as bochechas vermelhas de vergonha.

— É melhor ir.

Ele continuou sentado na cama desfeita. A batinha da espada no seu quadril tocava o chão.

— Não. — Ele fez um gesto em direção a Ruddles e ao servo. — Deixem-nos.

Com leves vénias, ambos saíram.

Kaye deixou-se ficar de pé.

— É tarde. A tua cena vai começar.

— Kaye, não fazes ideia de que horas são. — Ele levantou-se e tocou-lhe no braço. — Estavas a dormir.

Ela recuou um passo, entrelaçando os dedos e cravando as unhas nas palmas das mãos, para se manter tranquila.

Ele suspirou.

— Fica. Permite que eu implore por perdão pelo que quer que eu tenha feito.

— Para com isso. — Ela abanou a cabeça, falando mais rápido do que conseguia pensar. — Eles não querem que estejas comigo, pois não?

A boca de Roiben curvou-se num sorriso amargo.

— Não sou proibido de nada.

— Ninguém me quer aqui, perto de ti. Porquê?

Ele pareceu ter sido apanhado de surpresa, e passou a mão pelo cabelo prateado.



— Porque eu sou nobreza e tu... não — concluiu ele, constangido.

— Sou da classe baixa — disse ela, num tom monótono, voltando-lhe as costas. — Não é nenhuma novidade.

As botas de Roiben ecoaram no piso de pedra conforme caminhava até ela, que continuava de costas, puxando-a contra o peito. A cabeça dele encaixou-se na curva do pescoço de Kaye, e ela sentiu-lhe o hálito enquanto falava, os lábios a moverem-se contra a sua pele.

— Tenho os meus próprios pensamentos sobre esse assunto. Não me importo com a opinião dos outros.

Por um segundo, ela relaxou naquele abraço. Ele era carinhoso e a sua voz, muito suave. Seria fácil esgueirar-se de volta para os cobertores e ficar. Apenas ficar.

No entanto, Kaye voltou-se.

— Qual é o problema em se ser da classe baixa?

Ele riu-se, uma das mãos ainda na anca de Kaye. Já não a encarava, o olhar estava fixo na pedra gelada do chão, do mesmo tom cinzento dos seus olhos.

— É uma fraqueza. A afeição que sinto por ti.

Ela abriu a boca para lhe fazer outra pergunta, mas depressa a fechou, apercebendo-se de que ele respondera a mais do que lhe perguntara. Talvez fosse aquela a razão pela qual os servos não gostavam de Kaye, e os cortesãos a desprezavam, mas também era no que ele acreditava. Conseguia vê-lo estampado na expressão de Roiben.

— Eu devia mesmo ir — insistiu ela, afastando-se. Ficou aliviada ao perceber que a sua voz soou firme. — Vejo-te na coroação. Boa sorte.

Ele libertou-a do seu abraço.

— Não podes ficar ao lado do trono durante a cerimónia nem fazer parte do cortejo. Não quero que te confundam

como um membro da minha corte. E, acima de tudo, não deves jurar-me lealdade. Promete-me, Kaye.

— Então devo agir como se nem te conhecesse? — A porta ficava a apenas alguns passos de distância, mas ela estava consciente de cada um. — Como se não tivesses nenhuma *fraqueza*?

— Não, é óbvio que não — respondeu ele, demasiado depressa. — És a única coisa que tenho que não é nem dever nem obrigação, a única coisa que eu próprio escolhi para mim. — Ele hesitou. — A única coisa que quero.

Kaye deixou que um pequeno sorriso provocador lhe surgisse no rosto.

— A sério?

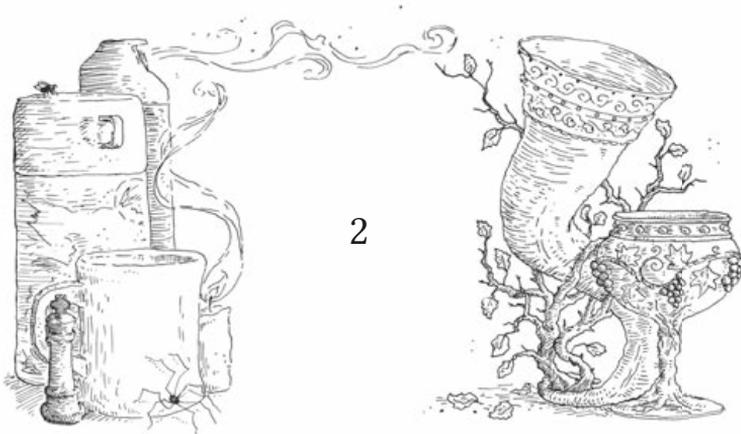
Ele resfolegou, abanando a cabeça.

— Achas que estou a ser absurdo, não achas?

— Acho que estás a tentar ser simpático — respondeu Kaye. — O que é um absurdo.

Ele aproximou-se, dando-lhe um beijo nos lábios enquanto Kaye sorria. Ela esqueceu os servos mal-humorados, a coroação e a pulseira que não oferecera a Roiben. Esqueceu-se de tudo, exceto do toque daqueles lábios nos seus.





*Haverá pratos fartos,
E canecas para afastar o frio
De todas as pessoas de olhos cinzentos
Que subirem a colina.*

— EDNA ST. VICENT MILLAY, *TAVERN*

Silarial não tinha agido abertamente contra Roiben durante aqueles longos meses entre o Samhain e a véspera do solstício de inverno, e ele começava a perguntar-se qual seria a intenção dela. Os sombrios e frios meses eram considerados uma época infeliz para a Corte Seelie atacar, por isso talvez ela estivesse apenas à espera de que o gelo derretesse, para dar lugar à primavera, quando teria toda a vantagem. Ainda assim, ocasionalmente, ele conseguia acreditar que Silarial ponderara renovar as tréguas entre a Corte da Luz e a Corte da Noite. Mesmo com a superioridade numérica, a guerra ainda tinha os seus custos.



— O enviado da Corte Seelie está aqui, meu Senhor — repetiu Dulcamara, as solas de prata das botas a retinir a cada passo. Roiben ouviu a última palavra, «Senhor», ecoar pelas paredes, uma e outra vez, como uma espécie de mantra.

— Manda-o entrar — disse Roiben, tocando na própria boca. Perguntou-se se Kaye já estaria no salão, se estaria sozinha.

— Se me permite que o informe, o mensageiro é uma «ela».

Roiben ergueu os olhos com uma súbita esperança.

— Manda-a entrar, então.

— Sim, meu Senhor.

Dulcamara saiu do caminho, deixando a mulher-fada aproximar-se. A mensageira vestia um traje branco glacial, despida de qualquer armadura. Quando o encarou, os olhos prateados como espelhos, refletiam o rosto de Roiben.

— Bem-vinda, irmã. — As palavras pareceram roubar-lhe o fôlego quando as pronunciou.

A fada tinha o cabelo curto, uma auréola branca em torno do rosto. Fez uma vénia e não ergueu o rosto.

— Lorde Roiben, a minha Senhora envia os seus cumprimentos. Entristece-a ter de lutar contra um dos próprios cavaleiros, e solicita que reconsidere a sua decisão precipitada. Poderia, neste instante, renunciar a tudo isto, render-se e voltar à Corte da Luz.

— Ethine, o que te aconteceu ao cabelo?

— Foi devido ao meu irmão — respondeu ela, mas ainda sem erguer o olhar enquanto falava. — Cortei-o quando o perdi.

Roiben apenas se deixou ficar a olhá-la.

— Tem alguma mensagem? — perguntou Ethine.

— Diz-lhe que não vou reconsiderar. — A voz dele soou entrecortada. — Não vou renunciar e não me vou render.

Diz à tua senhora que, tendo provado a liberdade, a servidão já não me tenta. Podes dizer-lhe que nada nela me tenta.

Ethine cerrou os dentes, como estivesse a reprimir uma resposta.

— Fui instruída a ficar para a coroação. Com a sua permissão, evidentemente.

— Estou sempre grato pela tua companhia — disse ele.

Ethine deixou o salão sem esperar por ser dispensada. Quando o camareiro entrou na divisão, a exhibir um largo sorriso, Roiben tentou não encarar aquilo como um mau presságio. Ultimamente, parecia ser melhor a agradar àqueles que odiava do que aos que amava.



Cornelius encostou-se ao tronco áspero de um ulmeiro, logo após ter entrado no cemitério. Tentava concentrar-se noutra coisa que não o frio, noutra coisa que não o atizador de ferro que segurava com uma das mãos ou a linha de pesca que tinha na outra. Vestira a roupa branca do avesso, apenas por precaução, caso aquela merda dos livros funcionasse, e tinha-se esfregado com agulhas de pinheiro para disfarçar o próprio cheiro. Esperava que, naquela noite cinzenta e sem estrelas, fosse o suficiente.

Não importava o quanto repetira para si mesmo que estava pronto, o ruído do farfalhar de fadas pela neve encheu-o de pânico. Não acreditava realmente que o atizador fosse uma mais-valia contra as legiões da Corte Unseelie. Tudo o que podia fazer era sustentar a respiração e tentar não tremer.

As fadas tinham-se reunido para a primeira coroação em mais de um século. Todos os que eram alguém em Faerie estariam presentes. Corny desejou que, naquela noite, Kaye

estivesse agachada atrás de um monte de neve com ele e não debaixo da colina, num baile de fadas. Ela fazia sempre com que planos malucos parecessem resultar, fazia parecer que era possível desvendar o indecifrável. No entanto, para convencer Kaye a aparecer, ele teria de lhe ter contado o que andara a planejar, e nem pensar que aquilo iria acabar bem. Por vezes, ele esquecia-se de que ela não era humana, até que o encarava com um brilho estranho nos olhos, ou sorria com lábios demasiado largos e demasiado famintos. Muito embora ela se tenha tornado na sua melhor amiga, continuava a ser um *deles*. Corny estava melhor a trabalhar sozinho.

Repetiu aquele pensamento de si para consigo, em silêncio, enquanto o primeiro cortejo de fadas passava. Era um grupo de trolls, os membros verde-líquen tão longos e rugosos quanto ramos. Reviravam a neve enquanto caminhavam, rosnando suavemente uns para os outros, os narizes aduncos a farejar o ar como cães de caça. Naquela noite, não se preocuparam em se disfarçar.

Três mulheres vieram de seguida, todas elas vestidas de branco e com o cabelo a esvoaçar, apesar de não estar vento. Sorriam umas para as outras como se partilhassem segredos. Ao deslocarem-se, alheias à sua presença, Corny reparou que as costas curvadas delas eram tão côncavas e vazias quanto cascas de ovos. Embora usassem vestidos leves, não pareciam incomodadas com o frio.

Logo a seguir, vários cavalos abriram caminho pela colina, os seus cavaleiros, solenes e silenciosos. O olhar de Corny foi atraído pelo choque de bagas vermelhas em torno dos cabelos negros. Não se conseguiu impedir de admirar os padrões estranhos e ricos das roupas, as mechas brilhantes e os rostos, tão bonitos que só o facto de olhar o enchia de desejo.



Corny mordeu o lábio com força e fechou bem os olhos. As mãos tremiam nas laterais do corpo e teve medo de que o fio de pesca transparente se desenterrasse da neve. Quantas vezes seria assim apanhado desprevenido? Quantas vezes podia fazer figura de parvo?

Com os olhos fechados, deixou-se ficar a ouvir. Estava atento ao estalar de ramos, ao esmagar da neve, aos fragmentos sussurrados de conversas e gargalhadas, cujas vozes soavam tão melodiosas quanto qualquer flauta. Ouvi-os passar e, quando o fizeram, por fim abriu os olhos. Apenas lhe restava esperar. Apostava que, independentemente do motivo da festa, haveria sempre alguém que iria chegar atrasado.

Levou apenas uns minutos para que uma tropa de elfos, trajados de cinzento, surgisse na colina. Sibilavam, impacientes, uns para os outros enquanto atravessavam a neve. Corny suspirou. Estavam ali demasiados para que ele conseguisse levar a cabo o que planeava, e eram muito grandes, por isso, esperou que passassem.

Uma minúscula fada saltitava atrás deles, saltando nas pegadas compridas deixadas pelos trolls. Estava vestida de vermelho, com um chapéu feito de metade de uma pinha, os olhos escuros reluziam como os de um animal com o reflexo da luz. Corny cerrou o punho em torno do atizador e inspirou fundo. Esperou que a pequena fada saltitasse mais duas vezes e, então, saiu de junto das árvores e, com um movimento rápido, pressionou o atizador contra a garganta da fada.

A criatura guinchou, caindo na neve, as mãos a cobrir o sítio onde o ferro tocara.

— Kryptonite — sussurrou Corny. — Acho que isso faz de mim o Lex Luthor.

— Por favor, por favor — implorou a fada. — O que queres? Um desejo? Certamente, uma pequena coisa como eu teria desejos muito pequenos para um ser tão poderoso.

Corny puxou a linha de pesca com força. Uma armadilha de caranguejo de alumínio fechou-se em torno da fada.

A pequena criatura guinchou novamente. Debateu-se de um lado para o outro, com a respiração ofegante, arranhando qualquer pequena brecha, e, no fim, com um lamento, cedeu. Finalmente, Corny permitiu-se a um sorriso.

Trabalhando depressa, torceu quatro fios finos de metal, fechando a armadilha. Depois, ergueu a gaiola no ar e correu colina abaixo, os tornozelos enfiados na neve, tendo o cuidado de escolher um caminho diferente daquele que as fadas haviam usado. Aos tropeções, dirigiu-se ao sítio onde estacionara o carro, com o porta-bagagens ainda aberto e o pneu suplente coberto por uma fina camada branca.

Deixou ali a gaiola e fechou o porta-bagagens, depois, entrou no carro, dando à chave. O aquecimento atingiu-o a todo o vapor e ele deixou-se estar ali sentado por um instante, permitindo-se aproveitar o calor, permitindo-se sentir os batimentos do próprio coração, permitindo-se celebrar o facto de que, por fim, seria ele quem ia ditar as regras.



Kaye inclinou a sua taça, bebendo até à última gota. O primeiro gole do vinho de cogumelo fora acompanhado por um gosto péssimo, mas depois dera por si a passar a língua pelos dentes, à procura de sentir o sabor terroso e amargo. As bochechas estavam quentes ao toque das próprias mãos, e sentia-se mais do que ligeiramente tonta.

— Não... isso não é bom para comer — disse Lutie-loo. A pequena fada estava empoleirada no ombro de Kaye, uma das mãos agarrada a uma argola de prata e a outra a segurar uma mecha do seu cabelo.



— É melhor do que bom — respondeu Kaye, passando os dedos pelo fundo da taça e tirando um pouco de polpa da bebida, para depois lambe-la a mão. Deu um passo hesitante, tentando rodopiar, e equilibrou-se segundos antes de tropeçar numa mesa. — Onde está o meu rato?

— Escondido, tal como nós devíamos estar. Olha — disse Lutie, porém Kaye não conseguia ver para onde ela apontava. Poderia ser para qualquer coisa. Trolls camuflados entre as mesas perto de selkies sem as suas peles, enquanto dopplers de costas côncavas dançavam e rodopiavam. Pelo menos um kelpie estava presente — o cheiro a maresia tornava o ar pesado — mas também havia nixies, sprites, duendes, ogres, pukas, uma criatura com a forma de um cavalo a um canto, fogos-fátuos a ziguezaguear entre as estalagmites, goblins sorridentes e muito mais.

Não estavam presentes apenas os habitantes locais. Membros do Povo das Fadas tinham viajado de cortes distantes para assistirem à coroação. Havia representantes de mais cortes do que Kaye julgara existir, uns Seelie, outros Unseelie, alguns que alegavam que tais distinções não tinham a menor importância. Até a Corte Altíssima, com a qual a Corte das Térmitas não estava juramentada, enviara o próprio representante, um príncipe que parecia encantado com a abundância de vinho. Todos estavam ali presentes para assistir à Corte da Noite a jurar lealdade ao seu novo mestre. Todos sorriam para Kaye, as expressões repletas de intenções que ela não sabia decifrar.

As mesas estavam postas com toalhas de tom azul-marinho e pratos de gelo. Ramos e bagas de azevinho descansavam ao lado de esculturas feitas com cubos de gelo de água esverdeada. Um monstro de língua negra lambia um pedaço que continha um pequeno peixe imóvel. Bolos amargos de bolota, confeccionados com cobertura açucarada de amora,

estavam empilhados ao lado de pés de pombos atados e assados. Ponche escuro lamacento flutuava numa enorme tigela de cobre, o metal transpirado e turvo devido ao frio. De vez em quando, alguém mergulhava uma concha de gelo no líquido e bebericava-o.

Kaye ergueu o olhar quando o salão caiu em silêncio.

Roiben tinha entrado, acompanhado pelos seus cortesãos. Thistledown, o arauto Unseelie, abria o cortejo, o comprido cabelo dourado surgia-lhe da cabeça enrugada. Seguiu-se a flautista, Bluet, que tocava o seu instrumento melodioso. Depois, marchava Roiben com os seus dois cavaleiros, Ellebere e Dulcamara, a exatos três passos de distância. Goblins seguravam a ponta do manto de Roiben. Atrás deles, vinham outros: o camareiro, Ruddles, um servo com um cálice de chifre torcido nas mãos e vários pajens que conduziam as coleiras de três cães pretos.

Roiben subiu para um estrado coberto de musgo, perto de um enorme trono feito de ramos de bétula entrelaçados, e voltou-se para a multidão, ficando de joelhos. Ao inclinar a cabeça, o cabelo, prateado como uma faca, caiu como uma cortina sobre o seu rosto.

— Fará o juramento? — perguntou Thistledown.

— Sim, fá-lo-ei — respondeu Roiben.

— A noite eterna — entoou Thistledown — de escuridão, gelo e morte é nossa. Que o nosso Senhor seja também feito de gelo. Que o nosso novo Senhor nasça da morte. Que o nosso novo Senhor se entregue à noite. — Ergueu a coroa de ramos de freixo entrelaçados, com pequenos ramos partidos a formar os espinhos, e colocou-a sobre a cabeça de Roiben.

Ele levantou-se.

— Pelo sangue da nossa Rainha, por mim derramado — disse ele. — Por este diadema de freixo sobre a minha fronte,



eu submeto-me à Corte da Noite neste solstício de inverno, a noite mais longa do ano.

Ellebere e Dulcamara ajoelharam-se, cada um de seu lado. A corte repetiu o gesto. Kaye agachou-se, de forma pouco elegante.

— Eu apresento-vos — clamou o arauto — o nosso incontestável Senhor, Roiben, Rei da Corte Unseelie. Irão vocês subjugar-se e chamá-lo de soberano?



Ouviu-se uma grande comoção e gritos de alegria. Os pelos nos braços de Kaye arrepriaram-se.

— Todos vocês são o meu povo — disse Roiben, as mãos estendidas. — Assim como eu estou jurado, vocês estão entre-laçados à minha vontade. Não sou nada, se não sou o vosso Rei.

Com aquelas palavras, ele afundou-se no trono de bétula, o rosto impassível. O Povo das Fadas ergueu-se novamente, adiantando-se para prestar obediência ao trono.

Um goblin perseguia uma minúscula fada com asas por debaixo de uma mesa, fazendo-a estremecer. A tigela de gelo espirrou o seu conteúdo e a torre de cubos desabou, caindo de forma desordenada.

— Kaye — guinchou Lutie. — Não estás a ver.

Kaye voltou-se para o estrado. Um escriba estava sentado de pernas cruzadas ao lado de Roiben, a registar cada suplicante. Inclinado para a frente no trono, o Senhor dirigia-se a uma mulher de cabelos rebeldes, vestida de vermelho. Quando ela se ajoelhou, Kaye vislumbrou uma cauda de gato a agitar-se de uma abertura no vestido.

— O que é que não estou a ver? — perguntou Kaye.

— Nunca viste uma declaração, pixie? — inquiriu, em tom de desdém, uma mulher com um colar de escaravelhos de prata. — És a rapariga do Reino de Ferro, não és?

Kaye assentiu.

— Acho que sim. — Ela perguntou-se se cheiraria àquilo, se o ferro emanava da sua pele devido à longa exposição.

Uma elegante rapariga, num vestido de pétalas, aproximou-se daquela mulher por trás, pousando os dedos finos no seu braço e fazendo uma careta a Kaye.

— Ele não te pertence, sabes.

A cabeça de Kaye parecia estar cheia de algodão.

— O quê?

— Uma declaração — repetiu a mulher. — Não te declaraste. — Kaye tinha a sensação de que os escaravelhos passeavam em torno da garganta da fada. Abanou a cabeça.

— Ela não sabe. — A rapariga riu-se, desdenhosa, pegando numa maçã da mesa e dando-lhe uma trinca.

— Para seres a consorte do Rei... — explicou, lentamente, a mulher, como se falasse para uma idiota. Um escaravelho verde iridescente caiu-lhe da boca. — Tens de fazer uma declaração de amor e implorar por uma demanda a fim de provares o teu valor.

Kaye estremeceu, enquanto observava o escaravelho cintilante a rastejar pelo vestido da mulher até encontrar o seu lugar no seu pescoço.

— Uma demanda?

— Mas se o declarante não for bem-sucedido, o monarca vai exigir-lhe uma expedição impossível.

— Ou fatal — acrescentou a sorridente rapariga vestida de pétalas.

— Não que acreditemos que ele te enviase numa demanda desse tipo.

— Não que acreditemos que ele pretenda esconder algo de ti.

— Deixem-me em paz — disse Kaye com a voz embargada e com o coração apertado. Lançando-se na multidão, percebeu que tinha ficado mais bêbeda do que pretendia. Lutie deu um

pequeno grito enquanto Kaye abria caminho por entre damas com asas e flautistas, quase tropeçando numa longa cauda que varria o chão.

— Kaye! — choramingou Lutie. — Onde vamos?

Uma mulher comia larvas de um tom cinzento-pérola de um pequeno espeto, estalando os lábios de prazer, enquanto Kaye passava por ela. Uma fada de cabelo branco cortado tão rente que a cabeça lembrava um dente-de-leão parecia-lhe estranhamente familiar, porém Kaye não conseguiu perceber porquê. Ali perto, um homem de pele azul partia castanhas com os enormes punhos, enquanto pequenas fadas dardejavam à sua volta para roubar o que ele deixava cair. As cores pareciam misturar-se.

Kaye sentiu o impacto do chão de terra antes de sequer se aperceber de que tinha caído. Por um segundo, deixou-se apenas ficar ali deitada, contemplando as bainhas dos vestidos, os cascos fendidos e os sapatos pontiagudos. As silhuetas dançavam e misturavam-se.

Lutie aterrou tão perto do rosto de Kaye que esta mal conseguia focar a forma minúscula.

— Fica acordada — pediu Lutie. As asas vibravam em ansiedade. Puxou um dos dedos de Kaye. — Se adormeceres, eles vão apanhar-me.

Kaye virou-se de lado e levantou-se, com cuidado, atenta às próprias pernas.

— Eu estou bem — assegurou Kaye. — Não estou com sono.

Lutie pousou na cabeça de Kaye e, tensa, começou a trançar mechas de cabelo.

— Estou perfeitamente bem — repetiu Kaye. Com passos cuidadosos, aproximou-se da lateral do estrado onde estava Lorde Roiben, recém-ungido Rei da Corte Unseelie.

Kaye estudou os dedos dele, cada um rodeado por um anel de metal, enquanto tamborilavam ao ritmo de uma melodia desconhecida na borda do trono. Vestido com um tecido preto rígido, parecia engolido pelas sombras. Por mais familiar que ele lhe devesse parecer, Kaye foi incapaz de falar.

Era o pior tipo de estupidez estar a sofrer assim por alguém que se importava com ela. Ainda assim, a sensação era a de assistir à mãe quando atuava num palco. Kaye sentia-se orgulhosa, porém meio receosa de que, caso se aproximasse, acabasse por descobrir não se tratar de Roiben, afinal.

Lutie-loo abandonou o seu poleiro e voou até ao trono. Roiben ergueu o olhar, riu-se e juntou as mãos em concha para a receber.

— Ela bebeu o vinho de cogumelos todo — acusou Lutie, apontando para Kaye.

— Ai sim? — Roiben arqueou uma sobrancelha prateada. — E ela virá sentar-se ao meu lado?

— Claro — respondeu Kaye, enquanto subia para o estrado, sentindo-se inexplicavelmente tímida. — Como tem sido?

— Interminável. — Ele passou os longos dedos pelo cabelo de Kaye, provocando-lhe arrepios.

Poucos meses antes, pensava em si mesma como alguém esquisito, mas humano. Agora, o peso das asas translúcidas nas costas e o verde da sua pele eram o suficiente para a recordar do contrário. No entanto, continuava a ser apenas a Kaye Fierch, e, apesar da sua magia e perspicácia, parecia difícil entender por que tinha permissão para se sentar ao lado de um Rei.

Mesmo se tivesse salvado a vida daquele Rei. Mesmo se ele a amasse.

Não pode deixar de se lembrar das palavras da mulher-escaravelho. A rapariga com rastas e de tambor teve intenção de fazer uma declaração? Exigir uma demanda? A rapariga

com cauda de gato já o teria feito? Estariam as fadas a rir-se dela, a imaginar que, por ter sido criada por humanos, desconhecia os costumes das fadas?

Queria fazer a coisa acertada. Queria fazer um gesto grandioso. Oferecer a Roiben algo mais digno do que uma pulseira esfarrapada. Cambaleante, Kaye ajoelhou-se em frente do novo Rei da Corte Unseelie.

Roiben arregalou os olhos com algo que parecia ser pânico e abriu a boca para falar, mas ela foi mais rápida.

— Eu, Kaye Fierch, declaro-me a ti. Eu... — Kaye hesitou, apercebendo-se de que não sabia o que era suposto dizer, mas a bebida inebriante que lhe corria pelas veias incitou a sua língua a continuar. — Eu amo-te. Quero que me atribuas uma demanda. Quero provar que te amo.

Roiben apertou o braço do trono, os dedos cravados na madeira. A voz diminuiu de tom até não passar de um sussurro.

— Para permitir tal coisa, eu precisaria de ter um coração de pedra. Não te tornarás uma súbdita desta corte.

Ela sabia que algo estava errado, porém não conseguia dizer o quê. Abanando a cabeça, balbuciou:

— Quero fazer uma declaração. Não conheço a etiqueta, mas é o que desejo fazer.

— Não — respondeu ele. — Não o vou permitir.

Ouviu-se um burburinho momentâneo em torno de Kaye, e, de seguida, alguns risos dispersos e sussurrados.

— Eu já o registei. O pedido foi feito — argumentou Ruddles. — Não deve desonrar o seu pedido.

Roiben assentiu. Olhou para o Povo por um longo momento, depois, levantou-se e caminhou até ao limite da plataforma.

— Kaye Fierch, esta é a demanda que te concedo: traz-me uma fada que consiga dizer uma inverdade e poderás sentar-te ao meu lado, como minha consorte.

Gargalhadas histéricas soaram pela multidão. Ela ouviu as palavras: *Impossível. Uma demanda impossível.*

Kaye sentiu o rosto corar e, de repente, ficou mais do que desorientada. Sentiu-se enjoada. Devia ter ficado muito pálida ou a sua expressão tornou-se preocupante, porque Roiben saltou da plataforma e agarrou-a pelo braço enquanto caía.

Ouviam-se vozes, vindas de todo o lado, mas nenhuma fazia sentido.

— Prometo que, se eu descobrir quem te pôs esta ideia na cabeça, irá pagar por isto com a própria.

Ela piscou os olhos vagorosamente. Permitiu que se fechassem por um segundo e caiu no sono, desmaiando na Terra das Fadas.

ENTRA NA BATALHA MILENAR ENTRE A LUZ E AS TREVAS...



No reino de Faerie, chegou a altura da coroação de Roiben, e Kaye só tem a certeza de uma coisa: do seu amor por ele.

Mas quando se declara ao rei da Corte Unseelie, ele envia-a numa missão impossível. Entretanto, Silarial, a rainha da Corte Seelie, planeia intrigas e traições para derrubar Roiben.

Numa corrida contra o tempo, Kaye vê-se envolvida num jogo perigoso de inteligência e armas. Conseguirá uma fada vencer uma rainha?



REGRESSA AO REINO SOMBRIO E SEDUTOR DAS FADAS CAPRICHOSAS E CRUÉIS DE HOLLY BLACK NO FINAL ÉPICO DE UMA HISTÓRIA APAIXONANTE.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://twitter.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-583-802-8



9 789895 838028

